

Chico no Municipal

UMA vez ganhei um excelente violão numa ríia, e o Paulo Mendes Campos me contou a indignação de um conhecido nosso, no fundo de um bar:

— Mas que injustiça, que coisa revoltante! Tanta gente que sabe o que é um bom violão, que está por dentro em matéria de música, e o prêmio vai sair logo para aquéle orelha de pau!

Embora goste de música, normalmente sou daquele tipo de sujeito que na quarta-feira de Cinzas ainda é incapaz de cantar corretamente a marchinha mais repetida e mais fácil do Carnaval. Não sou, por isso mesmo, pessoa que se atreva a dar opiniões em matéria de música. Quando alguém estranhou que eu fosse membro da comissão julgadora de um concurso de música popular, esclareci que, nas reuniões do júri, eu me limitava a dar palpites a respeito das letras.

Mas no reino da música e em qualquer outro há questões que não dependem de conhecimento técnico nem de sensibilidade especial, mas de simples bom senso. Li nos jornais que a Orquestra Sinfônica Brasileira sob a regência de Isaac Karabtchewsky, tendo como solista Arnaldo Estrêla e violonista Mariuccia Iacovino, vai apresentar no Municipal um programa que começa com Weber e Chopin, tem depois um concêrto inédito de Francisco Mignone e acaba com uma Rapsódia sobre temas de Chico Buarque de Holanda, de Lindolfo Gaya.

Estou sabendo agora que a inclusão dessa última peça está contrariando fortemente alguns críticos importantes e outras figuras influentes nos meios musicais, a tal ponto que a iniciativa está ameaçada de murchar. Alega-se, sobretudo, que o noticiário dá destaque principal ao Chico Buarque; e que não é sério, e sim demagógico explorar um nome extremamente popular no momento, como o seu, quando se trata de uma noite de cultura artística no Municipal.

Isso é o que, francamente, eu não entendo. Em primeiro lugar a Rapsódia não pode ser julgada antes de ser ouvida; não acredito que algum dos críticos queira dizer: «não ouvi e não gostei», adaptando uma *boutade* famosa do saudoso Oswald de Andrade. Quanto à popularidade do moço Chico, ela só poderia ser abençoada pelos cultores da música erudita se valesse para aproximar dessa música maiores camadas de público. Acredito mesmo que o efeito será este: as melodias fáceis e encantadoras do Chico serviriam de isca para atrair a um templo da música erudita um público jovem, que teria assim, pela primeira vez, contato com os valores superiores da arte.

Se isso é demagogia, então me parece que é daquela que tem seu lado bom, e vale a pena. E mais não digo, de medo que me puxem a «orelha de pau»...

DN-11. 14-67

313